



COTIDIANO CINZA

MARCOS FÁBIO BELO MATOS

HELENA FRENZEL ED.

CRÉDITOS

© Marcos Fábio Belo Matos, 2014.

Cotidiano Cinza, Coletânea, Contos, Edição Especial: **Marcos Fábio Belo Matos**, 1a. Edição, *Helena Frenzel Ed.*, Junho de 2014.

Este volume é parte integrante do projeto Quintextos e não pode ser comercializado.

Copyright © 2014. **Marcos Fábio Belo Matos** declara-se autor original dos textos reproduzidos neste volume e, assim sendo, detém sobre o(s) mesmo(s) todos os direitos autorais e assume total responsabilidade por tal declaração. Todos os textos aqui usados foram reproduzidos com sua gentil permissão e fazem parte do volume homônimo em formato impresso, lançado pela primeira vez em 2004.

A editora opta por não seguir, em textos de sua autoria, as novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009. Por este motivo, respeitou as escolhas ortográficas do autor e manteve os textos de acordo com os originais. Os textos aqui reproduzidos tratam-se de ficção, ou seja: não se referem a pessoas e/ou fatos concretos do mundo real e não representam, necessariamente, a opinião da editora.

Edição: *Helena Frenzel*.

Imagem da capa: © *Daniel Sena*. Imagem usada e editada com gentil permissão do autor.

Copyright © 2014 Todos os direitos sobre esta edição eletrônica estão reservados à editora: *Helena Frenzel, St. Ingbert, Alemanha*

(helenafrenzel@gmail.com)

Esta edição pode ser livremente distribuída sob uma *Licença Creative Commons - Atribuição - Sem Derivações - Sem Derivados 2.5 Brasil* (CC BY-NC-ND 2.5 BR), desde que na íntegra e com os devidos créditos de autoria. Não é permitido de modo algum comercializá-la, alterá-la e/ou usá-la no todo ou em parte para gerar obras derivadas.

Obra disponível para baixar em: quintextos.blogspot.com

Cotidiano Cinza
Coletânea, Contos, 1a Edição

Textos de *Marcos Fábio Belo Matos*

Apresentação: *José Neres*

Edição: *Helena Frenzel*

Junho de 2014

Esta publicação é parte do site Quintextos
(quintextos.blogspot.com)

Venda proibida

“Escrita: a arte de destelhar a casa sem que os transeuntes percebam.”
DRUMMOND

*Para minha família,
Para os que me le(r)em.*

ÍNDICE

UM PRÉ-FÁCIL (vi)
TODAS AS CORES SE FUNDEM NO CINZA (vii)
DOR DO MUNDO (10)
DESTINO I (11)
DESTINO II (12)
LEONOR (14)
TEMPO (16)
AMANTES (19)
LADISLAU (22)
LEMBRANÇAS (24)
DOZE ANOS (26)
GORDO (28)
ESPERA (30)
IDENTIDADE (32)
MARTINHO (33)
A VELHA (35)
205 (38)
CONQUISTA (40)
COTIDIANO CINZA (41)
OUTROS TEXTOS DO AUTOR NO QUINTEXTOS (42)

UM PRÉ-FÁCIL

Um escritor pode criar sua obra tão somente a partir da imaginação, isolando-se fisicamente da realidade circundante para trazer à luz os frutos de suas idiossincrasias, ou pode registrar os acontecimentos de sua época, dando-lhes um tratamento artístico que transforme até mesmo os fatos mais banais em obra de arte.

Não faltam exemplos nas letras universais dos dois grupos acima citados, uma vez que não é a temática trabalhada a única responsável pelo sucesso ou fracasso de um escritor. Sem o mínimo de talento e uma extrema dose de perseverança nenhuma pessoa que se preze pode autodenominar-se escritor. O suor do trabalho criativo deve estar sempre misturado à tinta, deixando em cada página as digitais do sofrimento que é o ato de escrever (e, principalmente, de reescrever).

Vários dos nossos grandes escritores usam como fonte temática os pequenos acontecimentos do cotidiano. Basta que nos debruçemos sobre algumas das melhores páginas de Carlos Drummond de Andrade, Stanislaw Ponte Preta, Fernando Sabino, Lourenço Diaféria e Luís Fernando Veríssimo para verificarmos que vivemos cercados de matéria-prima para a confecção de bons textos. O que nos falta é disposição, talento e sensibilidade para transformarmos o visto/ouvido em textos escritos.

O professor, jornalista e voraz leitor Marcos Fábio Belo Matos é um daqueles homens que, seguindo o exemplo dos mestres citados acima, não conseguem recusar as oportunidades temáticas ofertadas pela própria vida. Arguto observador das minúcias do dia-a-dia, o autor de “Anonimato”, “O Homem que derreteu e Outros Contos” e de “...E o Cinema Invadiu a Athenas” usa seu talento de poeta e de pesquisador para retratar neste seu novo livro, de forma ao mesmo tempo irônica, lírica e inquiridora, alguns pequenos lances do nosso possível cotidiano.

Marcos Fábio não precisou abusar de um vocabulário esdrúxulo para compor suas histórias, geralmente sintéticas. Bastou seguir seu instinto de jornalista e usar seu talento de artífice da palavra para traduzir em contos as trapaças mútuas da vida, os preconceitos, a solidão. Sem esquecer-se do inusitado, como é o caso de alguém derreter durante um banho. Tudo isso, e muito mais, é contado de forma envolvente e racional. Não se trata de um livro apenas para ser lido e colocado na estante dos “já-lidos”, mas sim de uma obra que pode remeter à reflexão acerca da realidade que nos cerca e que tantas vezes nos oprime.

Muitas observações poderiam ser feitas sobre a tessitura de cada um dos contos, mas isso poderia tirar um pouco do sabor da descoberta dos detalhes imiscuídos nas narrativas. O melhor é cada leitor saborear cada página do livro como se fosse prato já conhecido, mas preparado pelas mãos de um chef que conhece alguns ingredientes secretos, responsáveis pelo sabor agradável, mas não exótico. E esse chef, ao que se nota, está apenas no início de sua carreira. Muitos manjares ainda poderão vir por aí...

JOSÉ NERES

TODAS AS CORES SE FUNDEM NO CINZA

Nada é completamente bom. Nem completamente mau. A vida é o resultado de idas, voltas, alegrias, tristezas, conquistas, perdas, sucessos, fracassos, sonhos, desencantos, ternura, agressividade, calma, agonia. Às vezes, essas coisas surgem numa progressão que nos permite “*experenciar*” cada uma. Outras vezes chegam todas juntas, como se alguém tivesse aberto nossa caixinha de Pandora particular. A vida é tudo e nada. E nunca é uma coisa só.

Penso que esse seja o conceito do meu Cotidiano Cinza. Um livro de histórias simples, absolutamente banais em se tratando do fato de que elas podem estar acontecendo a qualquer momento, em qualquer lugar. Com qualquer um. Um abrigo para seres sem nenhuma mitificação, atomizados pela característica mesma da época em que vivem, simplificados pela vida que cada um escolheu levar, sem extravagâncias nem excentricidades.

Cada autor se expressa como quer, venerando as suas idiossincrasias quase que religiosamente. Essa liberdade só a arte é capaz de possibilitar, hoje em dia. Todas as histórias estão, assim, prenhes dos meus valores e da minha forma de ver o mundo, talvez um pouco distorcida, confesso – afinal, o que esperar de um míope?

O livro: são dezessete histórias, muitas vidas. Vidas que foram vindo a lume devagar, num processo lento de imaginar, enredar e compor suas trajetórias. Escrevo devagar, componho mais devagar ainda, ruminantemente. Onze histórias são inéditas. Seis fiz questão de transportar de “O homem que derreteu”, que lancei em 1997, por achar que elas estavam dentro do conjunto conceitual que representa a nós, seres imperfeitos.

Por fim, espero que todos os que o lerem não lhe fiquem indiferentes – nem às vidas escondidas nas páginas que vêm nem ao mundinho mais ou menos que as rodeia.

EU, AUTOR

DOR DO MUNDO

em algum lugar, há sempre uma chaga que sangra.

Juntos, eles contemplam o infinito. Nada há. Nada mais há além do instante em que o infinito os atravessa com toda a sua enormidade.

Ela descansa a cabeça no ombro dele. Ele lhe afaga os cabelos ternamente, os dedos dançando e penetrando fundo naqueles fios claro-escuros, enchendo-se deles, envolvendo-se com eles, acariciando-os.

Estão tão próximos que parecem um. Um ser andrógono, a olhar para o infinito, detestando tanta grandiosidade e reconhecendo-se mínimos e impotentes diante de um nada que ao mesmo tempo é tudo – tudo-nada-nada-tudo-tudo...

O tempo não passa. Não precisa passar. O que é o tempo diante do infinito? O tempo também é mísero ator no teatro da morbidez do infinito. O tempo nem precisaria existir, porque o infinito o faz sucumbir.

Agora eles se abraçam e se unem mais e mais. São de fato uma simbiose. Um ponto na areia. Um ponto cercado por um infinito de sombras, incertezas e inexorabilidade, principalmente. Ela balbucia algo que ele ouve como se saísse de sua própria boca.

- O mundo é mau, meu bem. Mau.

Ele não concorda nem discorda. Apenas a abraça mais forte, quase insuportavelmente forte. Agora são uma espécie de célula que se perdeu no lusco-fusco de um universo todo que os engole.

DESTINO I

tudo passa... tudo!

Quando ele a conheceu, ela já tinha sido de outro. Apaixonada. Ele bateu, bateu, insistiu, arrumou-se com ela.

Cercava-a de cuidados, zelos e mimos. Queria dar uma volta? Ele arranjava meios para. Queria um vestido novo? Ele espichava agorinha um crediário. Queria ir a uma festa? Ele dava um jeito nos convites.

- Te amo! Dizia ele de prontidão.

- Também, ela respondia uns segundos depois, sempre pensativa.

Casaram-se por fim. Casamento feliz mas simples. Poucos amigos, muitos parentes, festa de rua sem esbanjamentos.

Viveram dez anos. Filhos nasceram, cresceram, dois morreram ainda novinhos.

Um dia ele chegou do expediente à tardinha e encontrou as panelas já na mesa. Na porta da geladeira um envelope, dentro um recado: “Ariosvaldo passou por aqui hoje. Fui com ele” – escrito numa letra garranchada.

Ele se desesperou, ameaçou ir atrás, dar tiro, dar facada, dar parte pro delegado. Enfim não fez nada. Choramingou uns seis meses e casou com uma prima dela.

Soube depois, uns cinco anos depois, que Ariosvaldo morreria de acidente atravessando uma rua e ela, na miséria, meteu-se num prostíbulo perto do cais, onde atendia todas as noites o pessoal do descarrego das traineiras.

Um sorrizinho escorreu-lhe pela boca cheia de arroz, enquanto brincava com a colher e mexia nas coxas da Rita, a prima.

DESTINO II

tudo deveria, pelo menos, passar...

- Alô Luís, é você? Aqui é o Paulo...

Luís já sabia que era o Paulo, por isso ficara estarecido. Não conseguia dizer nada. Emudecera de espanto.

- Ô Luís, tá tudo bem aí? Você tá doente, meu?

- Nã, nã... não, Paulo. Tá tudo certo...

- Poxa, meu camarada. Achei que você tava dando um troço...

- É que eu tava ocupado fazendo uma coisa aqui...

A voz de Luís estava cansada, ele parecia arquejante. Paulo desconfiou:

- Já sei: tá acompanhado aí, né? Tava trabalhando, hein?

- É, é isso aí. Falou sem esconder um enorme constrangimento na voz, enquanto olhava para a acompanhante, deitada de bruços no outro lado da cama, nua, os cabelos soltos cobrindo todo o rosto, as mãos levadas à cabeça.

- Tá bom, não vou te atrapalhar mais. Só liguei prá saber como você tava por aí, mas agora sei que tá tudo certo. Eu ligo depois então, falou?

- Liga, liga sim.

- Tchau aí, parceiro. Concluiu Paulo e desligou o telefone.

Luís, tão logo ouviu o sinal de ocupado, deixou cair o fone da mão e encostou-se no espelho da cama, desolado. Olhava para a mulher ao seu lado, sem saber o que dizer. Ela, a custo, com a voz rouca pelo choro contido, apenas balbuciou:

- Ele falou de mim?

Luís não respondeu.

Um longo silêncio se fez no quarto, pouco iluminado pelo sol daquele fim de tarde, até que Raquel resolvesse levantar, vestir-se e sair, batendo com força a porta do apartamento.

Dali a um mês, Luís receberia um telegrama de Paulo, convidando-o para padrinho do seu casamento com Raquel, ao que ele recusou educadamente, alegando uma viagem sem motivos.

LEONOR

na escola da vida não há “conceito de classe”.

Antes de a porta fechar, ela ainda pôde ouvir a voz do capitão Hipólito:

- Cuida bem desse guri, hein, Leonor.

Falou, empurrando para dentro do quarto um garoto raquítico e pálido.

Raimundo ainda não tinha 13 anos. Todos os traços físicos eram de uma criança crescida. Nem as espinhas espocavam no rosto, sujando a pele alva e delicada. No quarto, do jeito que entrou, ficou: os olhos esbugalhados de espanto, as pupilas girando freneticamente para todas as direções, o corpo colado à porta.

Leonor continuava sentada na cadeira, voltada para a janela, o olhar contemplando a paisagem. Não se incomodou com a presença de Raimundo no quarto, nem mesmo por estar em trajes de cama. A camisola fina e transparente deixava à mostra o talhe dos seios, o contorno da cintura, a *lingerie*, as coxas.

Raimundo explodia de pavor. Não conseguia articular nenhum pensamento, não tinha impulsos, estava bestificado. O seu único desejo era sair correndo daquele local, mas o pai o empurrara ali para tornar-se homem e ele tinha que ficar.

- Senta na cama, meu pequeno, que eu já vou.

Leonor levantou-se e caminhou, passos lentos, até a beirada da cama, sentou-se e, com um gesto leve e delicado, puxou Raimundo para perto de si. Olhou-o fixamente de cima a baixo, tocou-lhe a cintura e fez deslizar a mão até o sexo do menino.

- O capitão Hipólito me pediu que cuidasse muito bem de ti. Mas, meu Deus, tu és uma criança! Quantos anos tu tens?

Raimundo não respondeu. Não conseguia sequer olhá-la, esquivava-se querendo afastar-se dela.

- Não fiques com medo de mim, não, meu pequeno. Eu não vou te machucar. Tens uma namoradina, não tens? Então, faz de conta que eu sou a tua namoradina...

Leonor quis beijar-lhe o peito, mas Raimundo se afastou. Calma e paciente, ela o fez sentir o seu sexo, pondo a mão dele dentro da calcinha.

- Viu? Sentes como é bom? Sentes, meu pequeno?

A mão de Raimundo fechou-se de nervosismo. Agora ele já suava frio e começava a lacrimejar.

- Que é isso, criança? Que bobagem! Não chores, meu homenzinho...

A custo, ela conseguiu deitá-lo na cama. Raimundo fungava, sufocado pelo enorme corpo que o cobriu e remexia-se em cima dele. Ainda de olhos fechados, ele sentia o calor da boca de Leonor arrastar-se pelo corpo inteiro, a língua dando-lhe arrepios, os pêlos do sexo roçando-lhe a virilha. Ia gritar, assustado, mas pensou no pai: - Tens que tornar-te homem de vez, guri. Tá na hora de conhecer o mundo!...

Raimundo vestiu-se envergonhado, o rosto quase afundando no colchão. Leonor, estirada na cama, olhava-o ternamente.

- Tu pareces o Carlito, meu filho.

Um mal-estar tomou conta de Leonor quando Raimundo deixou o quarto. A associação com Carlito a entristeceu. Mas não era hora de pensar no filho. Leonor lavou-se, vestiu-se e foi para a sala. Foi receber o dinheiro pelo serviço.

TEMPO

presente é estar diante do imponderável.

- É você??? Não acredito!!!

Não sei se era eu mesmo, mas, pelo sim pelo não, fiz de conta que era.

- Meu Deus, como você tá diferente! Quase não reconheço.

Pior era eu, que não tinha a menor idéia de quem era aquela moça à minha frente.

- Osvaldo, você se lembra da Aninha? E da Fatinha?

Agora entornou de vez. Ainda não sabia nem com quem falava, quanto mais me lembrar de Aninha e Fatinha. Comecei a ficar incomodado com aquela cena. Entretanto, como a moça era muito bonita e cheirava bem, resolvi deixar de ser monossilábico. Afinal, se ela me chamou de Osvaldo, que é o meu nome, devia mesmo me conhecer. Diabo de memória!...

- Sabe, desculpa mas eu não consigo me lembrar de você. De onde é mesmo que a gente se conhece?

- Do interior. Eu morava na frente da sua casa.

- Você devia ser uma menina...

- É, eu devia ter uns oito anos quando mudei pra cá. Eu me lembro que andava só de calcinha e, quando ia na sua casa, chamava você de titio. Tomava até a bênção, imagina!

- Pois é. Foi a única coisa que consegui balbuciar. Poxa. Ela devia estar me achando um velho gagá: careca, com um baita fundo de garrafas e esta camisa xadrez cafoníssima. Um buraco agora e eu enfiaria a cabeça, avestruzmente.

- Mas Osvaldo, o que você faz por aqui?
- Compras. Vim comprar umas coisinhas pra casa.
- E por que sua mulher não faz isso?

Foi uma pergunta que eu tive um prazer quase sexual em responder.

Voz aveludada, fui adiante:

- Mulher? Não, eu não sou casado.
- Não é casado? Ela se assustou. Notei que seus olhos, arregalados, gritaram o que a boca não quis falar: ‘com essa idade?’
- Não sou mais.
- Ah!... Ela, aliviada.
- Meu casamento não deu certo.
- É, essas coisas acontecem. Mas sabe, já que não é casado, deixa seu telefone comigo que eu ligo e marco uma visitinha qualquer hora dessas.
- Maravilha! Eu ia gostar muito. Falei, já puxando a caneta do bolso e rasgando o canto da agenda. Se você marcar no final de semana, prometo que faço um almoço especial.
- Taí, combinado. Vou ligar e marcar num domingo desses. Vou levar umas amigas junto. Pode?
- Fique à vontade. Falei sem esconder uma certa excitação no tom da voz. Ela percebeu.
- Sabe Osvaldo, você parece ser um cara interessante...
- você t...
- Fabi! Pô, vamos lá!

Aquele grito rouco atrás de mim não me deixou terminar a frase. Ela se apressou em responder, com um sinal nervoso com a palma da mão. Deu-me um beijo na face: “Te ligo”. E saiu correndo.

Quando me virei pra ver quem gritara, dei com três moças que olhavam, em grupo, uma vritine, enquanto Fabi conversava com um rapaz alto, musculoso, porte tipicamente atlético. Ela gesticulava na minha direção, como se desse alguma explicação. O rapaz me olhou e, como percebeu que eu também o olhava, fez um tímido aceno de cabeça e abriu um sorriso pálido. Abraçou Fabi e saiu, as três moças os seguindo, num grupo animado.

E eu fiquei ali, contemplando aqueles cinco corpos jovens, viçosos, alegres. Via Fabi abraçada ao namorado, a cabeça reclinada sobre o ombro dele, delicadamente. No mesmo instante, passei do garoto afoito do almoço ao velho, sentindo vergar sobre mim todo o peso impiedoso do tempo.

AMANTES

amar, verbo defectivo.

- Teu marido é um homem de sorte! Dizia Augusto, entredentes, enquanto beijava e acariciava o corpo de Cláudia.

- Sortudo é você, eu te amo... respondia ela, a custo, alternando as palavras com gemidos.

Eram duas horas da tarde e os dois já estavam ali desde o meio-dia. Augusto e Cláudia eram amantes já há cinco anos. Encontravam-se uma vez por semana sempre à hora do almoço, em dias alternados, para que não levantassem suspeitas.

Conheceram-se num churrasco de confraternização, em que Augusto compareceu a pedido de um amigo, o marido de Cláudia. Durante o churrasco, o amigo bebeu demais e, como não agüentou dirigir, Augusto foi levá-lo em casa. Cláudia pôs o marido na cama e dirigiu-se para a sala, onde Augusto a esperava. Transaram ali mesmo, no sofá. Apaixonaram-se.

- Você me quer? Hein, me quer?... perguntava Cláudia, os olhos cerrados de desejo, a boca seca e semiaberta, o corpo todo arrepiado.

- Eu te amo, disse Augusto, antes de beijá-la mais uma vez e, com movimentos suaves e delicados, penetrá-la.

Cinco anos de um relacionamento discreto, metódico, comedido. Augusto freqüentava a casa de Cláudia regularmente, como grande amigo que era de Paulo. Os dois nunca falaram do romance a ninguém. Nunca eram vistos em público. De seis em seis meses, alugavam um quartinho num canto diferente da cidade, onde punham a cama, o ventilador e os objetos de uso pessoal. Nada mais. A chave, deixavam-na sob a guarda da

proprietária. Pagavam adiantado o aluguel e sempre davam nomes falsos para o cadastro. Eram rigorosos na contracepção: praticavam três métodos conjugados para evitar filhos. Optaram por eles depois que Cláudia engravidou e teve de abortar.

Na penumbra do quarto, os corpos descansam. Augusto acaricia levemente os seios de Cláudia, beija-lhe o ventre, deita-se ao seu lado, a perna roçando-lhe o sexo. São duas e quinze, quando batem à porta. Augusto abre-a com cuidado para não ficar muito exposto e recebe o lanche que a proprietária do quarto lhe manda, já pago junto com o aluguel.

- Semana que vem é o teu aniversário.

- Onde vamos comemorar?

- Como se você não soubesse... Comemoraremos aqui, na quarta-feira. Vou encomendar um almoço especial, com champanha e tudo.

- Trinta e dois anos! Estou ficando velha...

- Você está linda! Cada vez melhor!

Os dois se beijam. Augusto deita-a na cama e começa a acariciá-la, quando ela o empurra, levantando-se e apanhando a toalha.

- Duas e meia! Estou superatrasada. A próxima aula começa às três e você também precisa ir trabalhar.

- Até quando vamos ficar vivendo assim?

- Como até quando? O que você quer dizer?

- Estou meio cansado de tudo isso. Esconderijo, fingimento...

- Mas não foi você mesmo quem propôs isso no começo do nosso relacionamento? Você não está mais satisfeito comigo?

- Não. Não é nada com você. É que, às vezes, eu sinto que esse lance nosso não está completo, que falta alguma coisa...

- Bobagem. Pra mim está ótimo assim.

- É, talvez você tenha razão. Deve ser besteira minha.

Banharam-se. Enquanto Augusto se vestia, Cláudia tratou de arrumar o quarto, juntando os restos de comida e separando as roupas da cama para a lavagem.

Sáiram. Augusto entregou a chave para a proprietária, recomendando a limpeza do quarto e as roupas sujas. Cláudia correu para o carro e se escondeu lá. Ela, tão logo saísse daquele bairro, pegaria um ônibus para a universidade. Ele seguiria para o escritório, onde aplicaria a velha desculpa do engarrafamento, para justificar-se pelo atraso já habitual de todas as semanas.

LADISLAU

nem tudo na vida são flores, ou metáforas.

Ladislau acordou cedo, como de costume. Deu bom dia ao Rex, que invariavelmente dormia na porta do quarto. Ligou o rádio na programação mais light do horário e correu para o banho. A porta do banheiro aberta deixava a empregada ouvir Ladislau acompanhar as músicas do rádio num inglês ininteligível. Todos os dias era a mesma coisa, ela já se acostumara. Dali a pouco, Ladislau irromperia a porta da cozinha, pedindo café e tomando-o como um foguete.

Maria intrigou-se ao perceber a voz de Ladislau, no banho, baixar rapidamente. Ele nunca parava de cantar em menos de dez minutos debaixo do chuveiro e, naquele dia, não passara de uma música e meia. Continuou a preparar o café e tratou de apurar mais os ouvidos.

Nada. A voz, que já era baixíssima, calou de vez. Maria achegou-se junto à porta do banheiro, escutou através da parede, sem se deixar notar por Ladislau. Percebeu o som da água do chuveiro caindo forte, mas nenhum outro barulho. Nem mesmo o de Ladislau falando sozinho, cacoete que tinha desde menino. Nada. Maria tomou coragem e meteu a cara porta adentro.

A polícia foi chamada pela vizinha da frente, que ouviu o grito estridente de Maria. Os policiais arrombaram a porta do apartamento e encontraram Maria caída, desmaiada no hall. Revistaram a sala e encontraram, no banheiro, apenas os testículos de Ladislau, os olhos soltos e alguns pêlos do corpo. Na parede, marcas de unhas, como que mostrando que ele ainda tentou agarrar-se em algo para não escorrer

pelo ralo, como concluiu a perícia depois de achar sua gordura no esgoto central do prédio.

LEMBRANÇAS

só é amor quando é difícil.

O ônibus parou. Os dois rapazes subiram conversando.

Juvenal olhou-os e não pôde acreditar. Mais que depressa, abriu a revista que trazia no colo e encobriu o rosto, fingindo leitura.

Os dois sentaram-se logo à frente de Juvenal. Um deles, aparentando ser o mais moço, perguntava sobre o casamento do outro.

- E então, Paulo, quando vai ser o casório?

- Daqui a duas semanas.

- Tu tá ficando maluco! Com tanta mulher por aí, vai casar justo agora.

Casamento? Juvenal se intrigou. Precisava ouvir mais. Concentrou-se na conversa.

- Mas vocês namoram há tão pouco tempo, cara.

- É, pra você ver. A coisa foi forte.

- Bom, pelo menos agora tu vai tomar jeito de gente, vai virar pai de família.

- Já comprei as coisas quase todas e aluguei um apartamento.

- E o curso? Tu vai largar o curso?

- De jeito nenhum! Agora mesmo é que eu quero terminar.

Juvenal bem se lembra de quando Paulo entrou para a faculdade de Educação Física. Estudaram juntos e comemoraram juntos a sua aprovação no vestibular.

- Mas tu tem muita sorte, cara. A Marina é a maior gata.

- É, a Marina foi um achado. É uma menina e tanto.

- E a família dela? Gosta de ti?

- Os pais dão a maior força pro casamento. Mamãe é que ainda não se acostumou com a idéia...

Casamento. Juvenal agora ouvira alto e em bom som. E da própria boca de Paulo. Não tinha mais dúvida.

- Tua mãe deve tá com receio por causa da tua idade.

- Mas não tem nada a ver. Eu já trabalho. Já me sustento. A Marina também tem o ganha-pão dela. Nós não vamos ficar pedindo nada a ninguém.

- Mas você não sabe como é mãe? Dá um tempo pra ela que ela se acostuma. Mas agora me diz: Quem você convidou pra festa?

- Só uns amigos mais chegados. Alguns lá da rua, uns da Universidade e uma galera da minha turma de segundo grau.

Juvenal até podia contar os que iam daquela turma: a Ieda, o Márcio, o Pedro, a Bruna e mais dois ou três. Eram a turma de Paulo na escola. Uns chatos.

- Olha aí a nossa parada. Puxa a sirene.

Paulo levantou-se para sair e, quando se virou, avistou Juvenal, que já não escondia o rosto e o encarava, não podendo conter os olhos úmidos. Paulo desceu, como que tomado de espanto e admiração. Depois de tantos anos... A sua única reação foi cumprimentar Juvenal com um tímido aceno de cabeça, já pelo vidro da janela, enquanto o ônibus partia.

- O que foi que te deu, cara?

- Nada não. É que vi um amigo. Deixa pra lá. Vamos.

Os olhos úmidos de Juvenal verteram lágrimas, que ele enxugou, furtivamente. Ainda não podia acreditar. Paulo casado!

Juvenal chegou em casa e foi direto para o quarto. Lá, depois de chorar quase uma hora de saudades, juntou todas as cartas que Paulo lhe mandara, o cartão de aniversário e a foto que os dois tiraram às escondidas num piquenique da turma do colégio, abraçados. Queimou todas as lembranças que tinha do antigo amante, recompôs-se e saiu para a noite.

DOZE ANOS

nem tudo passa.

- Você ainda está em casa?

- Esperando você.

- Pois abre a porta.

Ele foi abrir a porta, mas antes correu para olhar-se no espelho. Estava bem, achava. Vestiu uma camiseta, passou as mãos para arrumar o cabelo e voltou para a sala.

Quando abriu a porta, ele a encontrou reclinada na parede. Um sorriso entre tímido e nervoso surgiu, quando ela disse “boa noite”.

- Entra, foi a única coisa que ele conseguiu dizer, depois de olhá-la por um tempo que lhe pareceu um século, mas sua preocupação não deixou que passasse de alguns segundos.

Estava linda, ele achou. Agora, já dentro do apartamento, com a porta fechada, dava para olhá-la melhor. Mudara um pouco. Engordara alguma coisa, mas conservava ainda a silhueta de doze anos atrás, quando se conheceram numa noite em que ele, por acidente, perdeu o ônibus e teve que permanecer na parada para esperar um outro de meia hora depois.

- Doze anos! Ela disse com os olhos fitos nele. Você mudou um pouco desde...

- Desde a última vez que nos vimos, antes do seu casamento, ele emendou a frase porque teve certeza de que, para ela, seria muito custo fazer.

- É, desde aquele dia.

- E como estão vocês?

‘Vocês’ eram ela, o marido e o filhinho, que agora já ia para os nove anos.

- Bem, bem. O Paulo já terminou o curso e o Max tá entrando amanhã de férias. Ela puxou a cadeira que ele indicou. Sentaram-se. Um silêncio de aço tomou conta do lugar, que parecia àquela hora o único do mundo, parecia um espaço suspenso no nada.

- E você, está bem aqui? Gostei deste lugar...

- Ele parece com você.

- É, ele tem algumas coisas que parecem minhas.

Ela olhava para os quadros na parede, para as fotos, para os trecos amontoados na estante... ele olhava para ela, tentava buscar nela todos os sentimentos que um dia explodiram e que jamais se extinguiram. Estavam velados, apenas velados. Mas ele jamais lhe diria isso novamente. A idade, as situações e o tempo vão mudando e transformando explosão em prudência.

- Você me fez muito bem, e sinto que eu também lhe fiz. Foi o que de mais remanescente ele conseguiu dizer quando ela olhou o relógio e levantou-se para sair. Ele não tentou retê-la. Fez sim com a cabeça quando ela disse ‘minha hora’, abriu a porta e disse isso, com os olhos nela.

- Vê se não some de novo, foi difícil achar você. Essa cidade já não é mais um ovo, viu?

- Você me achou. Me acha de novo.

Depois de deixar nele um gosto de espanto, ela desceu as escadas. Ele recostou-se na parede e ouviu, por horas a fio, a música que repetia incessantemente no som, e que fazia mais presente aquela ausência.

GORDO

a cidade é o espaço das ignorâncias.

Sete da noite, hora do rush. Na rua, ônibus enfileirados esperam o desengarramento. Dentro deles, pessoas sufocadas espremem-se, na disputa por cada palmo do piso, sumido quase por inteiro.

Num dos muitos ônibus, um sujeito percebe que lhe estão metendo a mão no bolso. E não hesita em sua histeria:

- Ladrão! Solta a minha carteira!!!

Todos, estupefatos, olham para o sujeito, mas logo percebem que não há roubo algum, que é só gaiatice para chamar a atenção. As vaias enchem o local.

O calor daquele começo de noite era sufocante. As pessoas já começavam a abanar-se freneticamente.

O ônibus, enfim, começa a mover-se, para a alegria de todos.

Já quase na entrada do conjunto a que se destinava o coletivo, alguém faz sinal de parada. O motorista, talvez por distração ou compadecimento, pára a máquina e abre a porta.

Resmungo geral no lotação. Ninguém conseguia acreditar: era um gordo que, àquela hora, subira e estava decidido a rolar a borboleta.

O gordo sentiu que o resmungo era com ele e não gostou. Assim que passou a borboleta foi logo gritando:

- Vamos dar licença, gente, que eu vou descer na próxima. E foi começando a empurrar todo mundo.

Acontece que ele era justamente da largura do corredor do ônibus, que estava apinhado de gente e nem um magricela conseguiria passar.

O gordo pediu licença três vezes e, como não foi atendido, resolveu apelar para a ignorância: foi empurrando quem estava na frente com a barriga e se justificando atrás.

- Deixa logo essa baleia passar, gente. Gritou uma velhinha de um dos bancos. Ah, pra quê! O gordo se enfureceu e só não esbofeteou a velha porque seu braço não a alcançou - a mão passou no vazio. A reação ficou só nas palavras espinhentas e desmedidas.

- Passa anta, desce cavalo, bolo fofo, jumentão... De tudo isso foi chamado o gordo e a tudo ele revidou, com palavras igualmente grosseiras e desavergonhadas, enquanto ia passando.

O ônibus aproximou-se da parada do gordo. Ele acionou a sirene e o motorista prontamente atendeu. Acontece que o gordo ainda estava no meio do ônibus. Resultado: a metade da frente teve que descer para ele poder passar.

Sob muitos protestos, desceu o gordo.

- Fica aí, diabo! Gritou um velhinho da sua cadeira reservada por Lei, enquanto o ônibus se distanciava.

- Um jumento como esse não deveria andar de ônibus, replicou outro.

- Jumento nada, um dinossauro.

Foi a última exclamação que se ouviu sobre o gordo, que rumou para casa - certamente enfadado - balançando o enorme traseiro de dinossauro e o peso farto e cansado das criaturas inconvenientes.

ESPERA

o fio que tece a vida é frágil como aço.

A vida suspensa. Espera por ela, ele. Enquanto espera, não consegue dar seqüência a nada que precisa ser feito. Os livros a organizar na estante do quarto, os cd's para pôr nas capas, a louça do depois eu lavo tomando conta da cozinha, já exalando um azedinho. Ela não liga, não dá sinal de vida. Uma droga de filme na televisão. Já faz umas duas horas o telefone no pé da cama.

“Olha, neném, hoje não vai dar.” Ele ainda se lembrava da última vez que ouviu essa frase. Frase maldita. Ficou uma fera, queria mandá-la pro inferno, mas engoliu seco e apenas soltou o telefone, nem disse tchau, nem disse nada. O motivo de ela não ir ficou sabendo duas semanas depois. Um ex-namorado chegara de Alagoas na casa dela. Coisa de amigo da família, das irmãs, os pais faziam gosto e tal. Acabou saindo com ele e teve de contar tudo, porque um colega do trabalho a viu e deu com a língua nos dentes. Noite constrangedora aquela. Não precisava passar por isso, ele repetia para si e, umas duas vezes, chegou a esboçar num tom mais alto, de quase raiva. Mas pagou na mesma moeda. Não foi melhor a noite do que a narrativa – minuciosa – para ela. Coisa de roteiro de cinema, que ela ouviu engulhando.

Sempre achou absurdo ficar dependendo da disponibilidade dela. Era quando desse. Era quando desse depois de tudo o que ela tinha de mais importante. “Hoje não vai dar mais, meu bem, já é uma hora dessas...” Ele até já conhecia o resto do discurso quando começava assim: “amanhã, amanhã, viu? Amanhã a gente desconta.” E batia rápido o telefone para ir dar prioridade às suas coisas.

Agora está tocando a música com que ele sempre a esperava. Ela adorava essa música. Dizia que marcou a vida dela no passado, mas nunca contava por que, contou na primeira vez uma outra coisa que ele achou desculpa esfarrapada, mas não quis investigar mais, achou que era melhor ficar com aquela história mesmo. Aprendeu a gostar da música, porque sabia que ia agradar assim. A música repetia horas a fio no som, baixinho para não acordar o apartamento de baixo, o da velha que criava uns gatos siameses. O pacote de biscoito já está pelo meio, o refrigerante esquentou no copo, o filme ficou passando pros livros, que talvez precisassem mais dele. Filme idiota! Mas o que não é idiota nessa televisão no fim de semana. Tarde da noite passavam uns filminhos melhores, mas ele não cogitava a possibilidade de ficar esperando até uma hora dessas. Se ela não vier daqui a uma hora, foda-se.

Ela não veio, nem ligou nem nada. Ele assistiu a todos os filmes da madrugada, até adormecer. O som ficou ligado, baixinho, para não acordar a velha dos siameses, tocando a música que marcara a vida dela, ele não sabe por que. Dali a um instante ele ia levantar com o despertador chamando pro trabalho. Trabalho longe, pesado, ele detestava fazer. Ia passar rápido o dia, queria que chegasse a noite logo, dessa vez ela iria.

A vida suspensa...

IDENTIDADE

conhece-te a ti mesmo... pelo menos, primeiro.

Ainda não era meia-noite quando ele chegou em casa. Esperou debalde, um gosto de amargura na boca, as mãos frias da expectativa e aquela frustração estampada na cara. Ela não deu certeza de que vinha, então? Alguma coisa aconteceu, ela já já aparece ali na esquina e tudo vai ficar bem.

Ela não apareceu em duas horas. Ele já não sabia mais o que fazer para disfarçar a sua presença ali na esquina. Sentou na lanchonete perto, numa posição que dava para ver todos os ônibus passarem e todas as pessoas que desciam deles. Pediu um lanche, comeu o mais devagar que pôde, pediu depois mais uma coca-cola, viu o jornal na tevê, meteu-se numa conversa sobre o campeonato local, só para não ficar deslocado entre os homens que o circundavam.

Nada de ela lá na esquina. De repente, um ônibus vermelho, a linha do bairro dela. Aprumou o olhar. Desceu uma senhora gorda com duas sacolas, um menino e um velho. O menino sustentou o velho para descer. Desceu depois uma moça de cabelo vermelho. Ela não tinha cabelo vermelho, nem era daquele tipo.

Onze e quinze. Para quem marcou às nove, um atraso que já cheirava a desistência. Como quem vai mesmo se certificar da ausência, ele caminhou até a esquina. Ela não veio, disse-lhe o óbvio.

Onze e cinquenta e ele já estava na porta do apartamento, a chave na fechadura, uma batida seca e um grito de ódio: “Vaca!”. Nunca mais a viu. Nunca a viu.

MARTINHO

“...a César o que é de César”, JESUS.

Quando o pastor Sullivan adentrou a sala, foi saudado pela meninada:

- Bom dia, pastor. Seja bem-vindo. Gritaram as crianças, orquestradas pela tia Delia.

- Bom dia, crianças. Deus as abençoe. Foi tudo o que o pastor conseguiu dizer, num português arrastado e quase de trava-língua.

- Pastor, esta é a nossa turma mais nova da Escola Bíblica, explicou, com voz compassada e gesticulando sempre, o missionário Agostinho, que o trouxera para a visita.

Pastor Sullivan estava na cidade para dar uma série de palestras sobre avivamento, e fez questão de visitar a igreja com a qual manteve os primeiros contatos. Era neo-zelandês e vivia viajando pelo mundo distribuindo as bênçãos do seu ministério.

A igreja preparou uma festa de gala para a despedida do visitante, que se daria naquele domingo. De lá, o pastor rumaria para o norte do país.

Na visita da manhã, na escola bíblica, o pastor fez questão de conhecer todos os membros da igreja. Ao passar pelo corredor, percebeu um homem agachado num canto da sala de instrumentos. Quis saber do seu cicerone quem era.

- Ah, é o seu Martinho, o nosso afinador de piano. E, num cochicho discreto: é um bom sujeito, mas tem um jeito meio estranho, sabe...

- Really? Foi a reação do pastor, estupefata. Estranho como? Quis saber mais.

- Estranho, assim... e o missionário Agostinho tentava descrever a estranheza com gestos e trejeitos. Por fim, concluiu:

- É meio esquisito. Gosta de ficar no canto dele, calado...

E o pastor Sullivan, não entendendo o esquisito mas entendendo bem o calado, consentiu na observação com um gesto de cabeça. Depois, metendo-se porta adentro, foi cumprimentar o seu Martinho.

O homem levantou a cabeça ao ouvir seu nome ser pronunciado. E avistou atrás de si aquela figura muito branca e muito alta, que lhe estendia a mão e abria um sorriso largo.

- Muito prazer, pastor. Foi o que seu Martinho conseguiu dizer, antes de se encabular e voltar ao trabalho.

Na saída da sala, o pastor Sullivan disse ao missionário:

- Agostinho, você lembra da exortação de Paulo à importância de cada membro para a formação do corpo de Cristo?

- Claro, pastor.

- Pois é. Todos somos importantes. E é na igreja que devemos resolver nossos problemas, nossas esquisitices – pronunciou o nome talvez com maior esquisitice ainda.

À noite, a igreja encheu. Veio toda a gente que freqüentava o culto nos domingos e mais alguns convidados de outras congregações vizinhas. Tudo estava impecavelmente organizado.

O pastor Sullivan, próximo ao púlpito, aguardava o início da celebração. Ao aceno do missionário Agostinho, o maestro pôs o coral a postos para iniciar o culto da forma mais solene possível.

Tudo preparado, o maestro direcionou a batuta para o piano e, num movimento rápido, fez o sinal.

A igreja estremeceu com as notas dissonantes que saíram do piano. Muitos franziram a testa, outros rangeram os dentes, alguns cerraram os olhos numa careta e as crianças punham as mãos nos ouvidos.

O missionário Agostinho, depois do momento de choque, lembrou-se:

- Misericórdia, Jesus. O seu Martinho!

Seu Martinho, na sua esquisitice, tinha esquecido de afinar o piano.

A VELHA

a morte é quando a vida perde o horizonte.

1

O casarão que fica na Rua do Giz é uma verdadeira relíquia. Paredes grossas, azulejos sujos e desgastados nas paredes de fora, portas e janelas robustas, talhadas em madeira de lei, mirantes, sobrado, ornamentos no portal e uma inscrição que denuncia a época de construção: 1789, dois séculos resistindo ao tempo.

A casa nunca fora aberta à visitação de ninguém. Não é patrimônio público, apesar de confundir-se com as inúmeras repartições do local. Pertence a um tal senhor João Patrício, descendente de portugueses, que provavelmente a herdou do seu bisavô, comerciante e negociador de escravos, até onde se sabe.

O senhor João Patrício também lida com comércio. Tem um armazém de secos nas proximidades do Mercado Central. Idoso, mora com a mulher e duas empregadas no sobrado. Teve dois filhos. Um deles - o mais novo - morreu num desastre; o outro estuda no Rio.

2

Da grande imensa janela que se abre para a rua, a velha conseguia ver a paisagem. O vento que vinha do mar e invadia o quarto, removendo papéis, balançando as cortinas e derrubando pequenos objetos não a incomodava. Nem podia. Encostada à parede, ela permanecia imóvel a tudo, parada, talvez pensativa. A fisionomia ainda era a mesma de longos anos. A pele era clara, ostentando a descendência ibérica. Os olhos, tinha-os numa tonalidade que se confundia entre o verde e o azul. Os cabelos, lisos e grisalhos, trazia-os sempre amarrados em forma de

coque. As feições eram impávidas, nem alegres nem tristes, todavia davam-lhe um ar de seriedade, de mulher que pouco ou quase nunca sorria. O busto, os braços, as feições demonstravam uma obesidade não combatida, próprias das pessoas que envelhecem gordas.

Todas as manhãs, uma das empregadinhas da casa vinha lhe abrir as janelas. Aproveitava e também arrumava o quarto, espanava os móveis, trocava as velas dos castiçais. A velha nem a olhava. Não que tivesse desdém. Mas porque nunca falava, agradecia ou mesmo encarava pessoa alguma. Contemplava fixamente a mesma paisagem todos os dias, da mesma maneira, com o mesmo olhar.

O sol, o vento, os estivadores, as raparigas, os cachorros, os outros velhos e todas as pessoas que transitavam por aquela parte da cidade eram as únicas alegrias daquela pobre mulher. Ali, no alto, com os olhos sobre o mirante, já presenciara tantos e quantos fatos se podem imaginar. Vira crimes hediondos (conhecia os criminosos, mas nunca servira de testemunha em processo algum), romances sendo desfeitos ou romances se entrelaçando, casamentos de tantos anos postos na sarjeta por causa de alguma rapariguinha de um dos sobrados vizinhos. A tudo se mantinha impassível. O que via, durava o instante de ver outra coisa.

Às seis horas da tarde, pontualmente, subia ao quarto a mesma empregadinha. Observava os objetos, ajeitava-os, fechava as folhas das janelas, removia mais uma vez as velas dos castiçais, trocando-as por novas, fazia o sinal da cruz diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima e descia, trancando-o. A velha, sem dizer palavra, sem rogar que lhe deixassem abertos os janelões, entristecia, esfriava como a noite. Ficava ali, na semiescuridão, furtada ao espetáculo da lua daqueles dias. Confortava-se, ao menos, com o fiasco de luz que invadia as frestas e alumia o quarto. Velava a noite, pensando no espetáculo do sol do outro dia.

3

O senhor João Patrício adentrou o quarto. Examinou tudo cautelosamente, antes de dar as ordens à moça que o acompanhava. Enfim, falou:

- Quero os móveis trocados, a parede repintada e quadros novos. Estes descem para o depósito.

- A decoradora, concordando prontamente, apenas observou:

- E este aqui, é de algum parente?

- É de minha mãe. Não me separo dele nunca. Vai para o meu quarto. Moça, tenho pressa no serviço. Semana que vem chega meu filho do Rio e quero este quarto pronto.

- Sim senhor. Está pronto até o fim da semana.

Os objetos, como fora ordenado, desceram todos e se alojaram no depósito atrás da casa, um cubículo escuro e empoeirado. Apenas a velha - dona Maria Carmen da Silva Patrício - foi para o quarto do filho, um cômodo confortável, limpo e asseado. Entretanto, sem janelas.

Era o fim: a velha não mais veria o sol, nem os estivadores, nem as raparigas, nem os outros velhos, nem os cachorros, nem os fiascos de lua. Não sentiria mais o vento nem presenciaria os romances e brigas dos homens infiéis e suas mulheres com as meninas da vizinhança. Estava relegada ao tempo. E também à sorte das traças.

205

o fingimento é gêmeo da intolerância.

“Parabéns pra você / nesta data querida...” O barulho vinha do apartamento de baixo, o apartamento da gorda. Devia ser o aniversário dela, ou de algumas das muitas amigas que ela tinha e que viviam por lá. Umas meninas arrumadas, maquiagem quase sempre carregada, nunca dava para saber bem ao certo a idade delas. A gorda morava sozinha mas o tráfego na porta do seu apartamento indicava que gostava muito de companhia

“...muitas felicidades / muitos anos de vida”. Quantos anos estaria fazendo, se fosse a gorda a aniversariante? Penso que ela já ia para os trinta e cinco, trinta e seis, por aí. A gorda parecia bem adulta. Talvez pelo relaxamento do corpo. Talvez pelas roupas austeras que sua profissão obrigava a usar – era representante de remédios, daqueles que sempre passam na nossa frente nos consultórios e carregam uma mala do tamanho de um paraquedas. Não a conhecia muito bem, nos cruzamos poucas vezes na escada, na passagem pelo portão e uma vez na assembléia do condomínio. Quando ela abriu a boca para reclamar que o síndico estava relaxando com a segurança “e que isso não podia ficar assim porque eu chego tarde e sempre venho sozinha para casa”, notei que sua voz era muito fina e que ficava mais fina quando ela se irritava. A reunião foi rápida e a gorda subiu um pouco antes do final. Saiu sem se despedir de ninguém.

“E big, é big, é big, é big, é big / é hora, é hora, é hora, é hora, é hora...”. Estive uma única vez no seu apartamento, quando a empregada me chamou para reclamar de um vazamento na minha pia do banheiro. A

gorda não estava, mas deixou o recado bem explicadinho: queria que eu desse um jeito nos pingos o mais depressa possível porque ela estava com medo de pegar fogo na instalação. Pedi à Celeste que transmitisse minhas desculpas à patroa e, no mesmo dia, tirei o vazamento. Ela não me mandou mais nenhum recado.

“...rá, tim, bum: Marília, Marília, Marília”. Marília me lembro quem é; é uma loirinha, cabelo curto, magra e alta. Sempre está por aqui nos fins de semanas. Conheço-a pelo nome porque um dia ouvi a Celeste gritar na sacada: “dona Marília, ela pediu pra comprar também sabão e detergente”. Ela fez ok com o dedo e entrou no carro. É nova, uns vinte e poucos anos. Trabalha numa concessionária, vendedora (consultora de vendas como dizem agora), sei por causa das camisetas que ela sempre veste e de um folheto que um dia eu a vi deixar no pára brisa do meu carro. Uma dessas promoções de fim-de-semana, com juro invisíveis. Sei que a Marília vai dar o primeiro pedaço de bolo para a gorda. Depois a gorda vai correr para o som e pôr uma música do Caetano que ela ouve bem alto quando está feliz.

Meia-noite. Acabam de soltar uns foguetes. Caetano está tocando bem alto no som da gorda. Estão batendo palmas. Vou esperar mais uns dez minutos antes de ligar para a polícia.

CONQUISTA

nada, verdadeiramente, precisa passar.

Ele estava feliz.

Tinha esperado quarenta anos por isso. Com calma. Com método. Pacientemente aguardou os desdobramentos da vida. A distância. O casamento. O acidente. O luto. Os filhos crescendo e dizendo adeus, buscando uma vida que não lhe pertencia. A solidão. A maturidade. A procura. O acolhimento, enfim.

Sentia uma alegria incontida, agora. Podia, se quisesse, expressá-la energicamente. Podia gritar, correr, rir sem parar, dizer um monte de amabilidades tolas mas doces. Não fez. Preferiu deslizar, suavemente, a mão pelas costas de Ana, como sempre quis fazer.

Era ela! A idade a mudara. A vida a mudara. A dor a mudara. Mas era Ana, ainda Ana e não outra. Ana que não iria mais embora. Ana que não tinha mais o que fazer na vida a não ser ser sua.

Ana. Ana. Ana. Adormeceu balbuciando mentalmente este nome. Estava feliz. Amanhã mandaria buscar as coisas dela.

COTIDIANO CINZA

a vida não é cor de rosa.

1.

- Até Jesus teve medo.

Foi a última frase de Sheila.

Na manhã seguinte, ele foi encontrado num motel barato do centro, a peruca arrancada, um pênis de borracha enfiado na boca e uma bala no peito.

2.

- Sheila se arriscava demais.

Foi tudo o que suas amigas de ponto disseram ao delegado.

OUTROS TEXTOS DO AUTOR NO QUINTEXTOS

MARCOS FÁBIO BELO MATOS, natural de Bacabal, Maranhão, é jornalista e professor da Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz. Tem mais de 11 livros publicados, entre contos, crônicas, poesia e textos acadêmicos. Um de seus contos (O Piano) está na coletânea *15 Contos+ (Volume I, 2012)*. Três contos (O Toca-Discos, Guardados e A Sapatinha do Sebo) estão na coletânea especial *Maranhão em Contos (2014)*, e outros quinze compõem o primeiro volume da série *15 Curtos+ (2013)*, todos em formato ebook disponíveis gratuitamente no site do projeto Quintextos para distribuição sob uma licença Creative Commons.